

GÊNERO E AGRICULTURA FAMILIAR

A experiência de mulheres do MST no assentamento Cristina Alves, Itapecuru-MA, por terra, pão e soberania alimentar

MARQUES, Maria Dalva Rocha¹; OLIVEIRA, Flávio Pereira de²

¹ Aluna da Licenciatura em Educação do Campo do Instituto Federal do Pará, *Campus Breves*

² Professor do Instituto Federal do Pará, *Campus Breves*

dalvamarquesdalva@gmail.com.br, flavio.oliveira@ifpa.edu.br

Área temática

Ciências Agrárias

Resumo: O presente trabalho desenvolve uma escrita sobre o protagonismo de mulheres assentadas da reforma agrária na organização social da produção, beneficiamento e comercialização de gêneros alimentícios da agricultura familiar para o consumo humano. A sistematização é oriunda de uma experiência vivenciada durante o XXVI Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA), ocorrido em junho de 2024, em São Luís do Maranhão, oportunidade em tivemos, na condição de estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo do IFPA/Breves, para aprofundar compreensões acerca dos desafios do campesinato, a partir dos processos agrários que movimentam o campo numa relação de territorialização versus desterritorialização. Objetiva-se com isso, apresentar o lugar político que a agricultura familiar ocupa para salvar a humanidade e o papel das mulheres no protagonismo de reprodução das suas existências: material, simbólica; singular e plural. Para o embasamento teórico, fez-se frente à literatura pertinente do campo da geografia agrária e da Educação do Campo para se perceber como a problemática da questão agrária vem sendo discutida pela academia e pelo campesinato. No que tange ao levantamento de dados, utilizou-se de entrevistas e observações encaminhadas durante uma visita técnica/ trabalho de campo durante a programação do evento junto ao assentamento em remissão. Sabe-se que as práticas, historicamente, desenvolvidas no âmbito da agricultura familiar campesina, tem acentuada participação do trabalho feminino, mas que em razão das opressões do patriarcado, nem sempre elas foram/são reconhecidas e quando, no máximo, compreendidas como aquelas que auxiliam o trabalho desenvolvido pelos homens. Para o imaginário social, alimentado pela lógica machista e retroalimentado nos diversos espaços sociais, cabe às mulheres o “trabalho” reprodutivo no âmbito doméstico. Contraponto a essa retórica estrutural, a experiência do coletivo de mulheres do MST mostra como o protagonismo feminino, no assentamento em referência, faz-se fundamental para a conquista de direitos equitativos na construção de um projeto de sociedade mais justo e sustentável, desde o desmantelamento do capitalismo, vez que as opressões de gênero têm paternidade reconhecida em tal sistema. No decorrer da atividade foi possível observar as diversas formas de organização social desenvolvidas pelo coletivo de mulheres, não só no campo da produção, mas também na organização da cultura e gestão do assentamento, que apontam como referências para outras experiências. Conclui-se que a experiência do coletivo de mulheres do assentamento, Cristina Alves, sublinha a relevância da agricultura familiar como um meio para alcançar a soberania alimentar, em que o protagonismo feminino encaminha a construção da história. Essa experiência não retrata apenas uma narrativa da luta

compensa empreendida pelas mulheres, mas uma demonstração de que a organização social e a solidariedade equitativa entre os corpos podem contribuir para a instituição de outras referências de sociabilidade humana, com vista à construção da soberania de povos, corpos e culturas ainda colonizados (a). Que o trabalho do coletivo de mulheres, em remissão, na agricultura, re-atualiza o debate de se re-pensar a divisão social e sexual do trabalho, sob a lógica capitalista.

Palavras-chave: Processos organizativos; Produção agrícola; Protagonismo feminino.

Anais da X Feira Agropecuária & VII FETEC - Integrando Saberes: Caminhos para a Sustentabilidade
28 a 30 de novembro de 2024